

## O USO DE (OU A FALTA DE) COESÃO E COERÊNCIA EM UM HIPERTEXTO PRODUZIDO DE MODO SIMULTÂNEO NO DOC'S

Mateus Esteves de Oliveira<sup>1</sup>  
Anna Gabriela Rodrigues Cardoso<sup>2</sup>  
Ana Cristina Jardim de Melo<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentamos reflexões sobre a escrita coletiva e colaborativa a partir de conceitos essenciais para o seu desenvolvimento. Para exemplificar, analisamos uma produção textual desenvolvida por estudantes de um curso de pós-graduação da área de Linguística Aplicada e sugerida por nós, autores deste artigo. Isso posto, na primeira parte deste trabalho, são abordadas as características da escrita colaborativa, mediada por dispositivos digitais, além de conceitos inerentes a esse tipo de escrita, como o hipertexto, a coerência e a coesão, além de outras especificidades, com base nos pensamentos de Lévy (1993), Marcuschi (2008), Koch (2007 e 2015) e Ribeiro (2006 e 2010). Em complemento, são apresentados os recursos digitais e as ferramentas disponíveis para a produção de textos colaborativos, como os softwares *Wiki* e os editores de texto online, que tiveram o uso facilitado após o advento da *web 2.0*. Por fim, apresentamos uma análise de um texto produzido de forma coletiva e colaborativa por meio da ferramenta *Google Docs*, que foi produzido com o objetivo de sintetizar as ideias discutidas a respeito da escrita colaborativa nas aulas síncronas da disciplina “História da Leitura e da Escrita”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; Hipertexto; Coesão; Coerência

## THE USE OF (OR LAKE OF) COHESION AND COHERENCE IN A HYPERTEXT PRODUCED SIMULTANEOUSLY IN DOC'S

**ABSTRACT:** In this work we present reflections on collective and collaborative writing based on essential concepts for its development. As an example, we analyze a textual production developed by students of a postgraduate course in the field of Applied Linguistics and suggested by us, the authors of this article. That being said, in the first part of this work the characteristics of collaborative writing, mediated by digital devices, are addressed, as well as concepts inherent to this type of writing, such as hypertext, coherence and cohesion, as well as other specificities, based on the thoughts of Lévy (1993), Marcuschi (2008), Koch (2007 and 2015) and Ribeiro (2006 and 2010). In addition, the digital resources and tools available for the production of collaborative texts are presented, such as Wiki software and online text editors, which became easier to use after the advent of web 2.0. Finally, we present an analysis of a text produced collectively and collaboratively through the Google Docs tool, which was prepared with the aim of synthesizing the ideas discussed about collaborative writing in the synchronous classes of the subject "History of Reading and the Writing".

**KEYWORDS:** Writing; Hypertext; Cohesion; Coherence

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4673632309231847>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7077-0957>. E-mail: [mateus2012\\_ita@hotmail.com](mailto:mateus2012_ita@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0792355070169268>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6416-001X>. E-mail: [agrcardoso@hotmail.com](mailto:agrcardoso@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social — Relações Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4205873241201663>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1187-4386>. E-mail: [tinamelo@gmail.com](mailto:tinamelo@gmail.com).

## A ESCRITA NO MEIO DIGITAL: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Sempre que uma nova tecnologia emerge, junto a ela surgem novas propostas para meios de ensino e de aprendizagem. Podemos pensar, com isso, na forma como a escrita, na condição de tecnologia, atua no papel de preservar as memórias e de desenvolver o intelecto humano, entre outras funções. No mesmo caminho de mudança de hábitos e de influência nos padrões cognitivos, como pontuam Schäfer, Lacerda e Fagundes (2009), a impressão e a industrialização ofereceram ao texto novas perspectivas de disseminação para além do oral. As autoras, que se baseiam nos pressupostos do filósofo e sociólogo Pierre Lévy, entendem que a tecnologia intelectual se multiplica com o advento da informática. Para Lévy (1993), diferentemente da escrita, que se inscreve e se reduplica, a informática se mobiliza de modo permanente, podendo se reorganizar em tempo real, ou seja, ela é flexível.

77

Não se trata tanto de difundir as luzes junto a um público indeterminado, mas sim de colocar uma informação operacional à disposição dos especialistas. Estes desejam obter a informação mais confiável, o mais rápido possível, para tomar a melhor decisão. Ocorre que esta informação operacional é essencialmente perecível, transitória. Quase dois terços dos dados atualmente armazenados no mundo representam informações econômicas, comerciais ou financeiras com características estratégicas. (LÉVY, 1993, p. 70).

Para Lévy (1993), não existem modelos tradicionais conservadores de escrita no meio digital, pois, quando se propõe algum modelo digital, este se dá de modo operacional antes de exercer a função de explicar ou esclarecer fenômenos. Sendo assim, no meio digital, o que se escreve está mais relacionado ao questionamento de “como” do que à pergunta “por quê”.

Com exceção de certos livros, as mensagens escritas são cada vez menos recebidas ou interpretadas fora do contexto de sua emissão. Justamente por isso, e de acordo com a velocidade de transformação do saber, são cada vez menos concebidas para durar. Os critérios de pertinência, aqui e agora, tomam pouco a pouco o lugar sobre os de universalidade e objetividade, mesmo no domínio científico. (LÉVY, 1993, p. 74).

A título de ilustração, na construção deste artigo, utilizamos computadores, celulares, *kindle* e outros, além dos livros impressos, *e-books* e artigos em revistas científicas online. O contato com outros pesquisadores também influenciou na escrita, como as discussões em uma disciplina de curso de pós-graduação, que aconteceram em formato remoto. A própria escrita deste trabalho, neste momento, é realizada diretamente em um arquivo no *Google Doc's*, no qual todos temos acesso. Outras pontuações e uma síntese do que seria escrito foi discutido em reuniões por videoconferência e dentro de um grupo criado em um aplicativo de mensagem.

Enfim, para Lévy (1993), a progressiva comunicação por meio da interconexão em tempo real modifica as condições de enunciação, em especial aquela materializada na escrita. Essas interações são mediadas por tecnologias da informação e da comunicação, possibilitando, assim, novas formas de se realizar a escrita e a leitura.

Marcuschi (2008, p. 200), por sua vez, questiona o papel da escola diante dos novos gêneros que emergem da mídia virtual. É sensato continuar ensinando a escrita de uma carta nos tempos do e-mail? Quanto à relevância desses gêneros textuais, o pesquisador aponta quatro aspectos importantes, pontuando que (i) são gêneros cada vez mais generalizados, (ii) com peculiaridades próprias, (iii) com possibilidades de revisão de conceitos e (iv) que “mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la”. Entendemos que é importante destacar, para este artigo, o último deles, isto é, os aspectos de mudança que nos fazem repensar nossa relação com os textos orais e escritos.

Seria atualmente possível pensar a escola sem pensar no uso do computador e, mais ainda da internet, nos processos de ensino e de aprendizagem? O contexto da escrita deste artigo nos mostra a necessidade desses meios digitais para a continuidade dos estudos de milhares de estudantes desde o ensino infantil até a pós-graduação. A partir de 2020, a pandemia do novo Coronavírus obrigou a escola a se adaptar aos novos modos de ensino, que já estavam sendo inseridos gradativamente. Com isso, essa também foi uma forma de escancarar as desigualdades no espaço escolar.

Outra mudança, que reforça a importância das novas tecnologias nos modos de ler e escrever, é o surgimento do hipertexto. A escrita no computador é uma discussão de décadas entre os linguistas, principalmente aqueles inseridos na Linguística Textual.

Talvez não estejamos suficientemente preparados para a realidade virtual da telinha do computador, tão real como a realidade empírica da página do livro. Com uma diferença essencial: é só desligar a telinha e o texto se esconde. O certo é que estamos chegando à ausência da página, à decomposição da linearidade textual e à desmontagem da própria noção tradicional de texto. (MARCUSCHI, 2001, p. 81).

Por mais que essa seja nossa realidade nas primeiras décadas do século XXI, a impressão que temos é de que ainda não estamos totalmente prontos para essa realidade virtual. Contudo, a geração “Homo zappiens”, expressão utilizada por Wim Veen e Ben Wracking (2009) para definir, principalmente, o estudante da Era Digital, nasceu imersa nas tecnologias da comunicação relacionadas ao computador e à informática. Na escrita, segundo os autores, o Homo Zappiens tem mais facilidade de trabalhar em equipe e em ações simultâneas, já que

esses alunos vivenciam isso no dia a dia, nas redes sociais, nos jogos online e em outras atividades que exigem habilidades ligadas ao digital.

Após essa explicação quanto a alguns dos mecanismos e dos usos do texto no meio digital, voltamos, então, à discussão em relação ao hipertexto. As discussões quanto ao “o que é um texto” acontecem há décadas e, em meio às várias definições existentes, assim como pontua Ribeiro (2006, p. 18), “o texto pode ser verbal, oral ou impresso, e pode ser revestido de imagem”. Além disso, para essa pesquisadora, texto representa a materialidade, seja impressa, seja oral, seja ainda qual for; ao passo que o hipertexto se divide em impresso, quando a não-linearidade da leitura é característica principal, e hipertexto digital, quando a conexão imediata com vários outros textos acontece no próprio dispositivo tecnológico.

Para nós, interessa o hipertexto digital, que apresenta como principais características, até então:

1. não-linearidade ou não-seqüencialidade (*sic*) (característica central) — o hipertexto estrutura-se reticularmente, não pressupondo uma leitura seqüenciada (*sic*), com começo e fim previamente definidos (...);
2. volatilidade — que é devida à própria natureza do suporte;
3. espacialidade topográfica — por tratar-se de um espaço não-hierarquizado de escritura/leitura, de limites indefinidos;
4. fragmentariedade, já que não existe um centro regulador imanente;
5. multissensuosa — por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas, tridimensionais) numa mesma superfície de leitura;
6. descentração ou multicentramento — a descentração estaria ligada à não-linearidade (...); contudo, já que não se trata de um simples agregado aleatório de fragmentos textuais, há autores que contestam essa característica, preferindo falar em multicentramento (...);
7. interatividade — possibilidade de o usuário interagir com a máquina e receber em troca, a retroação da máquina;
8. intertextualidade — o hipertexto é um “texto múltiplo”, que funde e sobrepõe inúmeros textos que se tornam simultaneamente acessíveis a um simples toque de mouse;
9. conectividade — determinada pela conexão múltipla entre blocos de significado;
10. virtualidade — outra característica essencial do hipertexto (...) (Koch, 2007, p. 25).

Um hipertexto digital pode trazer informações de diferentes modos, um deles, o qual notamos ausente em nossa atividade de análise, é o hiperlink. Essa é uma maneira, de acordo com Koch (2007), de quem escreve distribuir os dados abarcando referências fora do texto de origem. Ou seja, era completamente aceitável que, em uma escrita coletiva, realizada sem muitas referências e de maneira remota e simultânea, os estudantes buscassem outros textos e os transformassem em links dentro da produção proposta.

Koch (2007), assim como Ribeiro (2006), compreende a diferença entre texto e hipertexto e considera que essa distinção se encontra na tecnologia. Com isso, entendemos que

o hipertexto é um texto, porém com características peculiares, como a possibilidade de escolher a sequência para a leitura e, no caso da escrita, Koch (2007, p. 29) acrescenta: “Cabe ao produtor de quaisquer tipos de textos formulá-los de tal forma que os usuários possam reconhecer a conexão entre os seus constituintes e construir um modelo mental coerente do texto em questão”.

Antes de conhecermos, a seguir, ferramentas para a escrita colaborativa e conceituações para tal atividade, precisamos tratar de um fator importante destacado por Koch (2007) — a coerência. O produtor de um texto precisa, ao formulá-lo, utilizar estratégias pelas quais seu leitor conseguirá reconhecer as conexões entre as ideias e aproximar-se ao máximo dos efeitos de sentidos esperados por quem produziu o texto. Koch (2007) questiona como a linearidade dos processos de construção e toda essa necessidade de organização podem ser úteis quando se trata de produção de hipertexto. A autora pontua que, no hipertexto, pode-se pressupor ou adaptar o texto, por isso é necessário recorrer a novas explicações e estratégias relacionadas à coerência.

Esse é um aspecto essencial para que um texto escrito por pessoas que estão logadas em um mesmo arquivo — como descrevemos quanto à escrita deste artigo — tenha unidade semântica.

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. (Koch; Travaglia, 2015, p. 21).

Dessa maneira, aquele que escreve também precisa se preocupar com aquele que vai ler o que foi escrito. Porém, esse processo não é tão simples, principalmente quando se trata da escrita colaborativa. Ao propormos aos colegas a escrita de uma síntese coletiva e simultânea do trabalho apresentado sobre escrita colaborativa, esperávamos que, ao lerem o que o outro escreveu, eles pudessem fazer as ligações entre suas proposições. Da mesma maneira, era esperada uma comunicação, pois a plataforma utilizada possibilita essa interação.

Para Koch e Travaglia (2015, p. 47), “a coerência é subjacente, tentacular, reticulada, não linear”, mesmo que ela tenha linearidade em relação ao texto, permitindo que os sentidos produzidos formem uma unidade ou, ao menos, haja uma relação entre seus elementos. Dessa maneira, o leitor poderá utilizar seu conhecimento de mundo para entender o que está sendo dito/escrito/lido. Quanto à coesão, ela está explícita nas marcas linguísticas, organizando a sequencialidade do texto. A relação entre coesão e coerência se dá no fato de a primeira ser

entendida como a ligação estabelecida pelos elementos que constituem o texto em sua superfície (Koch; Travaglia, 2015). Sendo assim, os implícitos dependem do contexto, que, no nosso caso, será mais bem descrito nas análises, possibilitando alguns levantamentos para além do texto.

Antes de contextualizarmos o uso de ferramentas digitais para a produção de um texto simultâneo, destacamos que existem duas grandes modalidades de coesão, de acordo com Koch e Travaglia (2015), são elas: coesão referencial e coesão sequencial. Vejamos no quadro abaixo como a autora as define.

**Quadro 1: Coesão Referencial e Coesão Sequencial.**

Coesão Referencial	Coesão Sequencial
Substituição: anáfora ou catáfora	Parafrástica: recorrência de termos, de estruturas, de conteúdos semânticos, de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais, de aspectos verbais e tempos verbais.
Reiteração: sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais definidas, repetição do mesmo item lexical, nominalizações.	Frástica: mecanismos que possibilitam a manutenção temática e os encadeamentos (por justaposição ou conexidade).

Fonte: organização dos autores com base em Koch e Travaglia (2015).

Por fim, entendemos que as estratégias de coerência podem servir como base para a escrita e a leitura, assim como a análise do hipertexto, desde que consideremos fatores que influenciam a sua produção no meio digital. É importante reforçar que nem todo texto coerente faz uso de mecanismos de coesão. Isso ocorre porque a coerência está na produção de sentido para quem lê/vê/ouve um texto, ou seja, depende das inferências que fazemos sobre o assunto abordado.

## **ESCREVER A MUITAS MÃOS COM A MEDIAÇÃO DA INTERNET: FERRAMENTAS E USOS**

Este artigo, conforme apontado, se apresenta como um exercício prático de escrita colaborativa, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Inicialmente, estão expostos os meios utilizados para estruturá-lo e desenvolvê-lo; a seguir, discorreremos sobre os conceitos e ferramentas que foram abordados na atividade proposta e que direcionaram essa escrita. Assim, abordaremos as ferramentas digitais disponíveis para a produção textual colaborativa.

Em tese, quando tratamos da produção de conteúdo escrito em ambientes digitais é necessário considerarmos qualquer produção textual mediada por computadores e outros

dispositivos eletrônicos. Esses dispositivos e suas conexões, por meio da internet, facilitam a produção de conteúdo colaborativo e, conseqüentemente,

a possibilidade de intervir no conteúdo, de sugerir novos links e abrir novos caminhos ainda não disponíveis no site. Ou seja, quer-se tratar de autoria não apenas no que toca a leitura ou escolha entre alternativas pré-configuradas, mas fundamentalmente no que se refere à própria redação hipertextual (Primo; Recuero, 2003, p. 55).

A partir do momento em que a *web* ganhou ferramentas que passaram a possibilitar a troca e a interação entre usuários e plataformas, a escrita em meios digitais e colaborativa foi muito facilitada. No começo dos anos 2000, a experiência de quem navegava pela internet passou por mudanças importantes: as páginas deixaram de servir como meros repositórios de informações para lugares de maiores trocas, de interações sociais, com produção de conteúdo mais difuso e dinâmico. Também foi quando surgiram as redes sociais, os blogs e as *wikis*, na esteira da *web 2.0* que, conforme aponta Primo (2007, p. 2), representou “repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Entre as ferramentas e páginas que surgiram com a *Web 2.0*, podemos citar: *Facebook*, *Twitter*, *Flickr*, *Youtube*, *Blogs* e a *Wikipedia*; todas elas centradas na produção e na dispersão de conteúdos pelos próprios usuários. Neste texto, nos atemos às ferramentas de escrita colaborativa *Wikis*, *blogs* e editores de texto on-line, principalmente no que se refere aos usos para fins educacionais.

## WIKIS E A WIKIPÉDIA

Os softwares *Wiki* são reconhecidos como ferramentas eficientes de edição de textos colaborativos. O software foi disponibilizado pela primeira vez em 1995 por Ward Cunningham e tinha o nome de Portland Pattern Repository, que se propunha a ser um site alimentado com conteúdo pelos próprios usuários. A partir dele, vários outros sistemas similares foram desenvolvidos e parte do sucesso pode ser creditado à sua fácil usabilidade. Por definição, do *wikcionário*<sup>4</sup>:

*Wiki* é um conjunto de páginas interligadas, onde cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa. Você pode editar esta página, clicando no separador no início da página (ou no link no fim da página, dependendo do *template* que estiver usando). Este site é um trabalho colaborativo, constantemente sendo expandido, melhorado, com as pessoas criando páginas acerca de seus interesses, comentando

<sup>4</sup> Disponível em: [https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:O\\_que\\_%C3%A9\\_um\\_Wiki](https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:O_que_%C3%A9_um_Wiki). Acesso em: 22 set. 2021.

páginas antigas, etc. *Wiki* é uma ferramenta de software que permite a qualquer pessoa criar e alterar páginas de um site na *web*. Funciona como um gerenciador de conteúdo, sendo que os usuários não precisam ter conhecimento de HTML ou outras linguagens. Na maioria das vezes não precisa nem mesmo se cadastrar.

O sucesso dos sistemas *Wiki* pode ser medido pelo seu principal exemplo, a *Wikipédia*, autointitulada “a enciclopédia livre que todos podem editar”<sup>5</sup>. Surgida em 2001, essa plataforma tem versões em mais de 290 idiomas e a versão em português conta com 1.074.213 artigos e 9.286 editores ativos, segundo dados coletados na página inicial da *Wikipédia* em 22 de setembro de 2021<sup>6</sup>.

A *Wikipédia* é editada por voluntários e cada edição realizada é automaticamente incorporada ao texto. Apesar de parecer um ambiente sem regulação, os próprios colaboradores exercem a função de gestores do conteúdo.

Há um conjunto de regras e políticas internas que visam manter a ordem e incentivar a melhoria dos artigos. Cabe à comunidade de usuários vigiar as edições uns dos outros, desfazendo o que for inadequado e, sempre, procurando aperfeiçoar a última versão do texto (Novais; Ribeiro; D’Andrea, 2011, p. 26).

Por todos esses aspectos apontados, as *Wikis* são plataformas amplamente utilizadas por professores em trabalhos desenvolvidos em sala de aula, além de elas possibilitarem, ainda, nestes casos de uso com fins pedagógicos, a estruturação de grupos de trabalho com permissões diferentes. Os usos desses sistemas também têm diferentes formatos, servindo tanto como plataforma intermediária de construção de textos quanto para posterior publicação em outros veículos, como ambiente de construção compartilhada de planos de aulas ou mesmo para produção de hipertextos digitais.

Um exemplo é o caso do projeto desenvolvido em disciplina da Faculdade de Medicina de Botucatu - Unesp (FMB-Unesp), que desenvolveu a página WikiIUSC<sup>7</sup> com a finalidade de estabelecer um local de comunicação e de colaboração entre os estudantes e a comunidade de seu entorno.

Este último formato de criação de hipertextos digitais poderia ter sido adotado para o exercício prático realizado na atividade analisada, entretanto, em função da dinâmica

5 Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 22 set. 2021.

6 Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 22 set. 2021.

7 Cyrino et al, Antonio Pithon. Ensino, Comunidade e WIKI. Revista brasileira de Educação Médica 36 (1, Supl. 1), p. 64-70, 2012.



estabelecida e do tempo de duração da aula, optamos pela utilização de um editor de texto online, do qual trataremos mais adiante.

Além de sua utilização por grupos de pesquisadores, alunos e professores, diversas comunidades se formam em torno de *Wikis* temáticas, como é o caso do *Wikitravel*<sup>8</sup> que se propõe a construir um guia de viagens livre, com abrangência mundial e aberto para acesso de todos. O projeto conta com milhares de destinos e com outros artigos publicados por viajantes de todo o mundo. Outra comunidade é a *Galopédia*<sup>9</sup>, uma enciclopédia que reúne conteúdo do Centro Atleticano de Memória. Tanto os usos acadêmicos quanto a construção de comunidades anônimas fortalecem as *Wikis* como lugares de construção social de conhecimento, conforme apontam Primo e Recuero (2003).

## EDITORES DE TEXTO ONLINE: *GOOGLE DOCS*

Como uma alternativa para produção de hipertextos digitais, existem diversos editores de texto que funcionam online. Geralmente, eles se baseiam no *Microsoft Word*, com a vantagem de encontrarmos algumas ferramentas gratuitas, possibilitando o trabalho colaborativo sem custos. Neste texto, vamos nos ater ao *Google Docs*, editor de texto vinculado ao *Gmail*, disponível, a princípio, gratuito, com opções de armazenamento adicional pago. O acesso à plataforma acontece por meio de uma conta no *Google*.

Os usuários envolvidos na construção de um texto podem ter diferentes permissões de acesso e de edição — funções que são determinadas pelo criador e pelo proprietário do documento. A partir do momento em que o texto está em construção, todos os colaboradores envolvidos podem acompanhar e fazer modificações, caso estejam habilitados/convidados para acessar o documento, de forma síncrona ou assíncrona, sendo que todas as edições realizadas ficam registradas e disponíveis para consultas.

O *Google Docs* promove a integração dos usuários, a socialização de informações e a partilha do conhecimento coletivamente produzido. Porém, a utilização desta ferramenta não deve ser encarada como um fim em si mesmo. Ela deve ser entendida como uma nova dimensão do processo pedagógico, com possibilidade concreta de construir e reconstruir conhecimentos e saberes. A mediação pedagógica por computador, tendo como instrumento de trabalho o *Google Docs*, produz resultados surpreendentes na aprendizagem dos alunos. (Costa, 2012, p. 11).

8 Disponível em: [https://wikitravel.org/pt/P%C3%A1gina\\_principal](https://wikitravel.org/pt/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 16 maio de 2022.

9 Disponível em: [http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/P%C3%A1gina\\_principal](http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 16 maio 2022.

Por ter uma interface de trabalho simplificada, além de diversas funcionalidades que favorecem a colaboração, o *Google Docs* se popularizou como ferramenta para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. Um exemplo é o projeto desenvolvido nas aulas de “*Português Instrumental*” com uma turma de 46 alunos de Engenharia de Materiais do CEFET-MG. Entre as vantagens do uso dessa ferramenta estão:

- a) Ao aluno: que executasse a retextualização de maneira colaborativa, em parceria com colegas, com base em um mesmo arquivo, sem obrigatoriedade de encontros presenciais, observando-se todas as decisões dos colegas e podendo-se discuti-las.
- b) Ao professor: que acompanhasse a execução da tarefa, já que o processo de edição do texto é visível por meio do histórico de alterações que cada estudante fez, assim como por meio do controle das entradas e dos tempos de permanência dos estudantes no arquivo em edição. (Ribeiro, 2010, p. 2).

Ao pensarmos na atividade desenvolvida e analisada, os fatores elencados acima foram considerados e justificam a escolha do *Google Docs* para a execução do exercício proposto. A seguir apresentaremos a atividade realizada e algumas possibilidades para analisá-la.

### **ESCREVENDO EM COLABORAÇÃO: TEXTO E IDEIAS EM DIÁLOGO**

Apresentadas as percepções teóricas e conceituais com relação à escrita colaborativa e às ferramentas para tal, passemos a um exemplo de texto escrito colaborativamente em aula de uma disciplina de curso de pós-graduação ora apresentado neste artigo. Este texto foi produzido como parte de uma atividade proposta por nós, os autores, em nosso seminário sobre escrita colaborativa. Denominamos a atividade de “síntese colaborativa”, já que esperávamos a produção de um compilado dos debates realizados sobre tal forma de escrita em aula síncrona.

Nosso objetivo foi conhecer, de modo prático, as percepções dos pós-graduandos no que se referem a esse processo de escrita, bem como suas dúvidas e inquietações sobre essa forma de escrever. Por isso, após as discussões em sala de aula — sustentadas por Novais, Ribeiro e D’andréa (2011) e Primo e Recuero (2003) —, enviamos um *link* para um documento editável disponível no *Google Docs*. Mediante autorização da professora e dos colegas para o uso da produção com fins acadêmicos, sugerimos aos estudantes de pós-graduação que escrevessem sobre os aspectos que mais lhes inquietaram durante a aula e sobre aquilo que ficou mais claro sobre o assunto “escrita colaborativa”.

Ressaltamos que não estava entre nossas expectativas receber um texto marcado pelo rigor gramatical, haja vista o tempo reduzido da atividade. Contudo, para inseri-lo neste artigo, realizamos uma revisão para aproximá-lo da norma-padrão. Importante ressaltar que mantemos

traços de informalidade, já que a intenção era observar o produto da escrita de modo mais natural possível, sem nossa interferência como analistas ou revisores. Os pós-graduandos escreveram livremente, por um tempo determinado, um interferindo na escrita do outro, desenvolvendo ou retirando excertos. Destacamos, em negrito, palavras e trechos para serem condutores da nossa análise. Isso posto, segue o texto produzido pela turma:

Acho que devemos começar com a palavra-chave para a escrita em colaboração que é “**diálogo**”. Se a palavra-chave é diálogo, nós estamos dialogando para fazer este texto?

Acredito que seja necessário refletir sobre a questão da colaboração e da escrita, e suas interlocuções, para avançarmos na reflexão sobre a questão proposta, além de estarmos dispostos a debater e rever a questão da **autoria** e o valor do autor em todas as etapas da produção de um livro, inclusive a textual, nos mais variados gêneros e meios.

O que é trabalho, o que é colaboração?

- O trabalho simultâneo e as suas possibilidades face às novas tecnologias (*Google docs* etc.);
- As questões de **coautoria, coautor**;
- **Processos de edição**, que exigem o 'formato final' do texto e suas possíveis implicações no que tange ao conceito de 'autor';
- Citações e referências bibliográficas e a questão da autoria;
- A questão do autor e os processos de 'agenciamento';
- Os modos de **interação** para a escrita colaborativa.

Pensar em escrita colaborativa em um ambiente online é considerar o diálogo como radial. Percebo que para o trabalho acadêmico, e não apenas ele, mas pensando na minha realidade de escrita, um texto escrito a muitas mãos é sempre muito produtivo. Venho pensando bastante no trabalho do revisor, na intervenção do revisor e na forma de recepção do texto pelo autor. Algumas questões serão pertinentes para se avaliar a escrita colaborativa online: a autoria, a forma de escrita, a intervenção e o produto final.

Para mim, é preciso definir sobre o que é 'escrita' e o que é 'colaborativo'. Escrita não é necessariamente texto, logo há que se considerar outros elementos gráficos e cinestésicos. Colaborativo é, no meu entendimento, quando há 'alguma contribuição' direta na obra — livro, por exemplo — é feita. Qual seria, no caso, o conceito de “contribuição direta”? Notamos que, ao pensarmos, seja para escrever, desenhar, ler, sempre estamos dialogando com uma multiplicidade de vozes, inclusive frutos de insights que já temos. Difere, portanto, de autoria. No entanto, nem todo texto em coautoria é uma escrita colaborativa, a depender da intenção da proposta inicial do trabalho. Nesse contexto, autores, revisores, editores, tradutores, ilustradores e outros que tenham feito qualquer tipo de intervenção — explícita ou não — na escrita estão escrevendo colaborativamente. Não vejo a exigência do 'diálogo' como premissa, mas como possibilidade. Podemos chamar de produção colaborativa? No entanto, em alguns projetos de construção conjunta, existe a divisão de funções sem haver colaboração, acredito que só existirá colaboração somente se houver, neste processo de construção, a presença do diálogo. Então existiria uma 'escrita conjunta', que não é colaborativa também. Colaborativo seria o mesmo que coletivo?

Para mim, é importante definir o que é colaborativo no processo de produção. Acho que a intenção de uma produção conjunta, da concepção ao fim, pode-se dizer

colaborativa. Do contrário, se apenas segue-se o fluxo autor editor-revisor-ilustrador, de forma independente, não é. Neste caso, seriam apenas etapas de um processo, em que cada um opera com sua competência. Acredito que o “colaborativo” esteja na intenção acordada previamente; neste caso, teríamos uma coautoria; do contrário, é apenas cada profissional atuando, separadamente, na sua competência (por mais que ele possa sinalizar algo em uma etapa diferente da sua, é apenas uma contribuição).

É possível pensar em alguém como escritor colaborativo mesmo sem ter escrito nada? Nos livros ilustrados, sim. Odilon Moraes afirma que escreve com imagens.

Como se pode observar, inicialmente, o texto seguiu a estrutura de prosa, dividido em oito blocos. Não houve paralelismo de extensão entre todos eles e, pela observação da atividade, o rumo da escrita seguiu, em sua maior parte, as diretrizes propostas por quem começou a escrever. A divisão em blocos — com função semelhante à dos parágrafos — também foi pensada pelos que tiveram a iniciativa de escrever. Identificamos que esses fatos foram decisivos para a formação de um texto coerente, uma vez que os próximos colaboradores se identificaram com o que o colega havia escrito primeiro e decidiram seguir sua linha de pensamento.

A nosso ver, tal situação é recorrente em textos escritos colaborativamente. Ainda que nesta atividade o tempo de escrita fosse relativamente curto, se compararmos com textos mais elaborados, de modo geral, o texto pode seguir a linha de pensamento dos seus primeiros editores. Como registrado na atividade, o “diálogo” foi a pedra de toque para a construção do texto, seguido de um questionamento sobre a existência dele na própria atividade.

Decerto, reconhecemos que o diálogo, por menor que seja, antecede a escrita colaborativa e é concomitante a ela, pois é por meio dele que os colaboradores definem, inicialmente, o foco do trabalho e atuam, no decorrer da escrita, na manutenção da linha de raciocínio do texto e na sua coerência. O termo “diálogo” é recorrente na produção analisada como uma espécie de “radical”, no sentido de ele ser básico, fundamental ou essencial para a produção conjunta.

Outro ponto que refletiu nossas discussões orais em aula foi a relação entre “autoria” e “coautoria”. Artigos como este, por exemplo, são assinados pelos autores que o escreveram, sem que isso seja uma questão problemática, mesmo em uma dinâmica de escrita colaborativa. Já para um texto com muitos colaboradores, no qual todos podem interferir no texto do outro de modo conjunto e simultâneo, as fronteiras entre os autores e suas contribuições começam a se desfazer.

O resultado disso, diretamente proporcional ao nível de interação, é um texto sem marcas definidas dos autores, ou seja, uma produção mista, na qual as características que

poderiam identificar um colaborador, em específico, estão diluídas. Isso corrobora, a nosso ver, a criação de um texto essencialmente colaborativo.

No entanto, ao ser escrito por várias mãos, a coerência e a coesão podem se tornar fatores mais complexos, tendo em vista as várias interações em meio às contribuições dos colaboradores. Do modo como é apontado por Koch e Travaglia (2015), a coerência não é linear; todavia, por meio dela, é construída a unidade semântica textual. Nesse sentido, a presença do revisor, um dos pontos levantados na atividade, é de fundamental relevância para a observação dessa unidade. Porém, seria o revisor também um colaborador no sentido de ele também ser um dos autores do texto final?

Talvez se pensarmos nas suas interferências para garantir a clareza e a contribuição com uma parcela textual considerável, estaríamos, sim, o incluindo na lista de autores, desde que isso seja acordado com os autores que iniciaram o texto. Nessa dinâmica, observamos que há uma função diferente do trabalho tradicional do revisor, o qual o impede, por questões éticas, de alterar o sentido do texto e acrescentar novas informações a ele. Papel este que, na percepção de um dos colaboradores da atividade em questão, representa o “fluxo” esperado de um processo de edição, passando pelas etapas de revisão e de ilustração, separadamente.

Além disso, a turma destacou o fato de que “nem todo texto em coautoria é uma escrita colaborativa”. Isso se justifica pelo fato de que as contribuições fragmentadas, sem conexões lógico-gramaticais, distanciam-se da formação de um bom texto. Com isso, voltamos à necessidade de coerência entre as partes, com o objetivo de que, em “produção conjunta”, elas possam compor um texto minimamente compreensível. Dessa prática, espera-se que haja meios para que a “interação” entre todos os colaboradores seja possível.

Na era do *Homo Zappiens*, como designam Wim Veen e Ben Wrakking (2009), tal interação vem sendo facilitada pelas tecnologias da comunicação, que permitem encontros síncronos e assíncronos para a discussão de ideias sobre as quais os usuários pretendem escrever. Indubitavelmente, as facilidades proporcionadas pela realidade tecnológica atual da *web* têm auxiliado na elaboração de diversos tipos de textos, como os imagéticos. Em analogia a isso, um dos participantes contribuiu ao dissertar que o escritor colaborativo pode participar da escrita mesmo sem ter escrito, no código verbal, algum texto. Ele fundamenta essa posição no pensamento do ilustrador Odilon Moraes: “O ilustrador é um escritor de imagens”.

Em síntese, todas as questões envoltas nesta análise corroboram a dificuldade de se definir o que é “escrita colaborativa”, já que outras formas de escrever, como a revisão e a ilustração, fazem parte da produção final de um texto. No entanto, por meio desse exercício em

uma turma de pós-graduação da área de linguagens, reconhecemos que esse tipo de escrita, pela sua praticidade, integra boa parte da formação dos trabalhos acadêmicos escritos em coautoria. Sobretudo em contexto pandêmico, no qual as interações presenciais são limitadas, ferramentas, como o *Google Docs*, têm possibilitado a continuação da produção científica colaborativa em tempo hábil e com segurança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discutimos o papel da escrita colaborativa na produção textual da contemporaneidade. Evidenciamos que as formas de escrever se alteraram ao longo da história da escrita e da leitura até chegarmos ao contexto atual, no qual boa parte do que produzimos com o código escrito é mediado pelas tecnologias digitais da comunicação e da informação. Tais tecnologias oferecem facilidades para os usuários, entre elas sublinhamos a possibilidade de vários autores poderem editar e escrever a mesma unidade textual sem a necessidade de encontros presenciais.

Essa vantagem, no entanto, não é suficiente para transpor características fundamentais de um bom texto, como a coerência (Koch, 2007). Consideramos que a existência desta, em paralelo com a coesão, independe se o texto é produzido de modo manual ou digital. Isso significa que, por mais que haja o apagamento da página física, da forma como expõe Marcuschi (2001), o texto digital precisa preservar estruturas mínimas de coerência para sua aderência ao público leitor.

No caso da atividade apresentada, verificamos um esforço para conduzir a escrita colaborativa do texto de modo a conservar uma coerência relevante para a produção. Embora possamos identificar trechos que tenham falhado nessa tarefa, podemos, também, apontar que uma revisão sistemática, em conjunto com os autores, poderia esclarecer pontos pouco claros entre as contribuições.

Para concluir, reconhecemos que, para o aprimoramento da escrita colaborativa nos mais diversos ambientes, acadêmicos ou não, seu uso deve permear todos os níveis de ensino, sobretudo na educação básica, a fim de reforçar mais este aspecto da cultura digital e suas vantagens para a formação de textos autônomos e autorais. Em face disso, ressaltamos que esse trabalho precisa, principalmente, considerar a observação de fatores basilares à escrita de modo geral, como a coerência, a coesão e a autoria.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Júlio Resende. **Ferramentas de escrita colaborativa da Web 2.0 e mediação pedagógica por computador**: Construção e ressignificação do conhecimento online. In: EnPED - Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, set. 2012.

KOCH, I.V.; TRAVAGLIA L. C. **A coerência textual**. São Paulo, Contexto, 2015.

KOCH, I. V. **Hipertexto e construção do sentido**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 51, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 24 set. 2021.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, vol. 4, n. 1, 2001. p. 79-111.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NOVAIS, Ana Elisa; RIBEIRO, Ana Elisa e D'ANDRÉA, Carlos. **Wiki**: escrita colaborativa. Presença Pedagógica, v. 17, n. 101, set./out. 2011.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira & RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto cooperativo**: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, p-54-65, dezembro. 2003.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós. Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Google Docs e produção de texto**: uma experiência no Brasil. In: I Encontro Internacional TIC e Educação, 2010, Lisboa. Actas do I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Texto e leitura hipertextual**: novos produtos, velhos processos. Linguagem & Ensino (UCPel), Pelotas, RS, v. 9, p. 15-32, 2006.

SCHÄFER, Patrícia Behling; LACERDA, Rosália; FAGUNDES, Léa da Cruz. **Escrita colaborativa na cultura digital**: ferramentas e possibilidades de construção do conhecimento em rede. *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 1-8, jul. 2009.

VEEN, Wim & VRAKKING, Ben. **Homo zappiens**: educando na era digital. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

*Recebido: 25 de janeiro de 2024*

*Aceito: 28 de fevereiro de 2024*

91